

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE  
ESCOLA DE MÚSICA  
GRADUAÇÃO EM LICENCIATURA PLENA EM MÚSICA**

**THIAGO MOURA SANTANA**

**ENSINO COLETIVO DE VIOLÃO EM CINCO INSTITUIÇÕES NO MUNICÍPIO DE  
NATAL**

**NATAL/RN  
2011**

THIAGO MOURA SANTANA

**ENSINO COLETIVO DE VIOLÃO EM CINCO INSTITUIÇÕES NO MUNICÍPIO DE  
NATAL**

Monografia apresentada à Escola de Música da Universidade Federal do Rio Grande do Norte como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciado em Música.

**Orientadora:** Ms. Catarina Shin Lima de Souza

NATAL/RN

2011

**Catálogo da Publicação na Fonte  
Biblioteca Setorial da Escola de Música**

S232eSantana, Thiago Moura.  
Ensino coletivo de violão em cinco instituições de música no  
município de Natal/ Thiago Moura Santana. – Natal,  
2011.  
45f.: il.

Orientadora: Catarina Shin Lima de Souza.

Monografia (Graduação) – Escola de Música, Universidade  
Federal do Rio Grande do Norte, 2011.

1. Educação musical. 2. Violão – estudo e ensino.  
I. Souza, Catarina Shin Lima. II. Título.

RN/BS/EMUFRN  
78:37

CDU

THIAGO MOURA SANTANA

**ENSINO COLETIVO DE VIOLÃO EM CINCO INSTITUIÇÕES DE MÚSICA NO  
MUNICÍPIO DE NATAL**

Monografia apresentada como pré-requisito para obtenção do título de Licenciado em Música da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, submetida à aprovação da banca examinadora composta pelos examinadores.

Aprovada em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Ms. Catarina Shin Lima de Souza  
Orientadora  
Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN

---

Professor(a) examinador(a).

---

Professor(a) examinador(a).

Dedico este trabalho de conclusão da graduação aos meus pais, irmãos, familiares, namorada e amigos que de muitas formas me incentivaram e ajudaram para que fosse possível a concretização deste trabalho.

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus pela saúde, fé, perseverança que tem me dado e por estar comigo em todos os momentos.

Aos meus pais, por todo amor, carinho e paciência.

Aos meus irmãos pelas palavras de ânimo e incentivo em todos os momentos.

Ao meu amor Lidiane Barroso que me deu tranquilidade e ajuda nos momentos mais difíceis.

Aos meus amigos, especialmente Denis Nascimento, Osiel lobo, Sacha Lídice e Sage Raoni que me deram força para concluir este trabalho.

Aos professores e professoras que muito contribuíram para a minha formação, dos quais tenho boas lembranças e à professora Ms. Catarina Shin Lima de Souza, pela sabedoria e dedicação com a qual orientou a presente monografia.

*A educação musical deve ser dada a todos, sem objetivos preconcebidos de orientação para a profissão ou para o lazer e sim por seu valor no enriquecimento da vida das pessoas e da sociedade.*

(Maria de Lourdes Junqueira Gonçalves)

## RESUMO

O presente trabalho aborda as principais características do ensino coletivo de instrumento destacando o ensino de violão e seus principais divulgadores. Como base para o desenvolvimento deste trabalho de conclusão de curso, utilizou-se propostas de Cristina Tourinho, Flávia Cruvinel e outros profissionais que foram referenciados nesta monografia. Sendo aplicado um questionário com perguntas subjetivas e objetivas entre professores de violão de cinco instituições no município de Natal/RN. Com esse questionário procurou-se conhecer a opinião dos professores em relação à proposta de Ensino Coletivo de Instrumento e, conseqüentemente, como eles desenvolvem suas aulas coletivas. Para análise dos dados foi feita uma comparação entre as respostas obtidas e as fontes bibliográficas sobre o assunto. Os resultados obtidos geraram o conhecimento de professores e instituições que utilizam a metodologia e a opinião dos demais acerca do assunto.

**Palavras-chave:** Educação musical, Ensino coletivo, Ensino de violão.



## ABSTRACT

The present work discusses the main characteristics of collective learning instrument, emphasizing the teaching of acoustic guitar, and its major promoters. As a basis for the development of course conclusion work, was used motions for Cristina Tourinho, Flávia Cruvinel and other professionals that have been referenced in this monograph. Being a questionnaire with subjective and objective questions between guitar teachers from five institutions in the city of Natal / RN. With this questionnaire sought to know the opinion of teachers in relation to the proposed Education Collective Instrument and consequently, as they develop their group lessons. To analyze the data was a comparison between responses obtained and bibliographic sources on the subject. The results obtained led to the knowledge of teachers and institutions using the methodology and the opinion of others on the subject.

**Keywords:** MusicEducation, Teachingcollective , Guitareducation.

**LISTA DE FIGURAS**

**FIGURA 1** – Ensino coletivo de instrumento no projeto Guri .....28

**LISTA DE GRÁFICOS**

<b>GRÁFICO 1</b> – TEVE O CONTATO COM O ENSINO COLETIVO DE INSTRUMENTO - ECI.....	31
<b>GRÁFICO 2</b> – CONHECE ALGUM MÉTODO DE ECI.....	32
<b>GRÁFICO 3</b> – TRABALHA COM ECI.....	33
<b>GRÁFICO 4</b> – A PRÁTICA DO ECI É VIVENCIADA NO CONTEXTO INSTITUCIONAL.....	33

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>12</b>
<b>OBJETIVOS</b> .....	<b>13</b>
OBJETIVO GERAL .....	13
OBJETIVOS ESPECIFICOS .....	13
<b>1 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS</b> .....	<b>15</b>
1.1 COLETA DE DADOS .....	15
1.2 ANÁLISE DOS DADOS.....	16
1.3 DESAFIOS ENCONTRADOS .....	16
<b>2 ENSINO COLETIVO DE INSTRUMENTO</b> .....	<b>17</b>
2.1 O QUE É O ENSINO COLETIVO DE INSTRUMENTO?.....	17
<b>2.1.1 Principais características do ECIM</b> .....	<b>19</b>
<b>2.1.2 A metodologia do ensino coletivo de instrumento</b> .....	<b>21</b>
<b>2.1.3 Ensino coletivo de instrumento musical: um meio de democratização do acesso à educação musical</b> .....	<b>22</b>
2.2 HISTÓRICO .....	24
<b>3 ANÁLISE DO QUESTIONÁRIO</b> .....	<b>28</b>
3.1 PERFIL DOS ENTREVISTADOS E SUAS INSTITUIÇÕES.....	28
3.2 ANÁLISE QUANTITATIVA .....	30
3.3 ANÁLISE QUALITATIVA .....	33
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>36</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>38</b>
<b>APÊNDICE</b> .....	<b>41</b>

## INTRODUÇÃO

O Ensino Coletivo de Instrumento Musical (ECIM) é entendido como uma metodologia eficaz, no qual os alunos devem estar em todos os momentos envolvidos nas atividades propostas. Não é apenas o simples agrupamento de vários alunos em uma sala que se configura como característica principal dessa proposta. Com freqüência, o ensino coletivo de instrumento é confundido por muitos profissionais como: *masterclass*, grupos de câmara, ensaios de orquestras e outros. Tal fato é comumente observado em conversas, discussões informais e até mesmo no âmbito acadêmico.

As pesquisas e debates em encontros nacionais sobre o assunto tem fundamentado cada vez mais a eficácia da prática do ensino coletivo de instrumento, através de relatos de experiências, disponibilizados em artigos de revistas e outros trabalhos acadêmicos como monografias, teses e dissertações. Devido ao aumento de pessoas interessadas no assunto vários fóruns, mesas redondas e encontros nacionais foram criados para melhorar o entendimento desta prática. Isso permitiu uma maior visibilidade da proposta e atualmente já é possível encontrar diversos trabalhos na área disponibilizados em bibliotecas e meio eletrônico (Internet).

Outra fonte de informações neste âmbito é a revista da ABEM - Associação Brasileira de Educação Musical - que disponibiliza aos educadores musicais, informações atualizadas e relatos de experiências em diversos contextos da educação musical.

Este trabalho de monografia trata-se de uma coleta de dados bibliográficos e um questionário aplicado em cinco instituições que foram escolhidas após uma busca por espaços que trabalham com o ensino de violão em grupo. Dividas entre escolas especializadas em música e projetos sóciais. Procurando aprofundar os conhecimentos em relação ao ensino coletivo de instrumento em sua essência profissional, e, conhecer como acontece essa proposta no contexto de Natal.

No primeiro capítulo são abordados os procedimentos metodológicos adotados para a análise dos dados, relatando os processos usados na pesquisa, análise dos dados obtidos e os desafios encontrados no decorrer do trabalho.

No segundo capítulo procurou-se traçar um breve histórico e o desenvolvimento desta metodologia. Discorre-se acerca de alguns dos principais

conceitos encontrados, apresentando a proposta de acordo com os autores pesquisados, sendo também abordadas as principais críticas ou possíveis desvantagens. Finalizando o capítulo 2 aborda-se o ensino coletivo como uma ferramenta de democratização do ensino musical.

No terceiro capítulo é apresentado o perfil dos entrevistados, o ambiente de trabalho de cada um deles e o relato de como foram desenvolvidos os questionários. Por fim, é feita a análise das entrevistas coletadas de forma quantitativa e qualitativa utilizando-se de gráficos (das respostas às questões objetivas) e comentários em torno das respostas dos entrevistados às questões subjetivas.

## **OBJETIVOS**

### **OBJETIVO GERAL**

Esta monografia tem como objetivo conhecer o ensino coletivo de violão, seus conceitos e metodologias em sua essência profissional a partir de uma pesquisa bibliográfica e entrevistas com professores de violão em Natal que atuam em escolas especializadas em música ou projetos, com a finalidade de ampliar a compreensão no assunto e contribuir para o crescimento dessa metodologia no meio acadêmico.

### **OBJETIVOS ESPECIFICOS**

- Caracterizar as propostas ECIM;
- Diferenciar o ensino coletivo de práticas de ensino em grupo;
- Conhecer os principais divulgadores do ECIM;

- Conhecer experiências metodológicas e práticas docente do ensino coletivo de violão;
- Relatar as evidências profissionais do ECIM na cidade de Natal/RN.

## 1 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

### 1.1 COLETA DE DADOS

Com o objetivo de realizar uma construção histórica do ensino coletivo de instrumento, foi realizada primeiramente uma pesquisa bibliográfica sobre o assunto. Buscando trabalhos de alguns dos principais pesquisadores da área. Foram encontrados importantes trabalhos em forma de artigos, livros, e trabalhos como monografias, teses e dissertações, muitos dos quais disponibilizados em meio eletrônico (internet). Destaco também a revista da Associação Brasileira de Educação Musical (ABEM) - Revista nº 3 - Junho de 1996.

A pesquisa bibliográfica permitiu uma fundamentação do trabalho acerca do ensino coletivo de instrumento e o aprofundamento do conhecimento dessa proposta. De posse desse conhecimento, passei a outra fase da pesquisa através da formulação de um questionário para ser aplicado entre professores de violão e comparar as respostas com os dados obtidos na pesquisa bibliográfica.

Embora a pesquisa apresente dados quantitativos, a mesma foi realizada principalmente num âmbito qualitativo que, de acordo com Neves (1996), “Nas pesquisas qualitativas, é freqüente que o pesquisador procure entender os fenômenos, segundo a perspectiva dos participantes da situação estudada e, a partir daí, situe sua interpretação dos fenômenos estudados.”

Os professores participantes receberam o questionário em mãos ou por meio eletrônico (e-mail). No questionário continham tanto questões objetivas como subjetivas, foi realizado com professores de violão de Natal com a finalidade de conhecer os conceitos que cada educador assumia a respeito do assunto e sua prática através do relato das suas experiências (como aluno e professor). O questionário entregue (APÊNDICE 1) continha 10 perguntas.

Foram aplicados 10 questionários ao todo. Desses 10, apenas dois não foram respondidos.



## 1.2 ANÁLISE DOS DADOS

A análise dos questionários se deu através da comparação entre as respostas dos professores de violão de Natal e os estudos de professores e pesquisadores da área coletados na pesquisa bibliográfica. Com isso, procurou-se compreender a realidade de cada profissional e qual a sua relação com o ensino coletivo.

As respostas mais relevantes sobre cada uma das questões foram citadas e comentadas de forma qualitativa, seguidas por uma reflexão analítica visando buscar resultados, causas ou soluções para necessidades identificadas.

Utilizou-se também, gráficos como uma alternativa para análise quantitativa com a finalidade de melhor compreensão em porcentagem das perguntas objetivas, sendo comentados cada gráfico.

## 1.3 DESAFIOS ENCONTRADOS

Dos desafios observados no percurso da elaboração do trabalho destacam-se: o curto tempo para cumprir o prazo de finalização do trabalho e o difícil acesso a alguns professores para contribuição através dos questionários devido a indisponibilidade de tempo.

Dentre os questionários enviados por e-mail dois deles não retornaram no período previsto. Desse modo, não puderam ser incluídos e, portanto, deixaram de enriquecer mais ainda a presente pesquisa.

A realização deste trabalho criou oportunidade para que os entrevistados opinassem sobre o assunto, fornecendo dados e experiências significativas para os mesmos e para que outras pessoas conheçam melhor a importância da proposta do ensino coletivo de instrumento.

## 2 ENSINO COLETIVO DE INSTRUMENTO

### 2.1 O QUE É O ENSINO COLETIVO DE INSTRUMENTO?

Segundo Tourinho (2003, pág. 2), em relação à concepção de Ensino Coletivo de Instrumento Musical (ECIM), esta metodologia é conceituada como transposição inata de comportamento humano de observação e imitação para o aprendizado musical. Busca-se com essa metodologia trabalhar o desenvolvimento da leitura musical, o domínio do instrumento, a capacidade auditiva e o entendimento musical. Caracteriza-se por um aprendizado através da observação e interação com outras pessoas, a exemplo de como se aprende a falar, andar e comer. Desenvolvem-se hábitos e comportamentos que são influenciados pelo entorno social dos alunos.

Para Cruvinel (2004, pág. 5), “o ensino coletivo é uma importante ferramenta para o processo de socialização do ensino musical, democratizando o acesso do cidadão.” A autora também relata a eficiência desta metodologia que motiva os alunos a darem continuidade ao estudo do instrumento, desenvolvendo os elementos técnicos musicais para a iniciação instrumental; trabalhando a percepção auditiva, coordenação motora, concentração, memória, raciocínio, agilidade, relaxamento, disciplina, autoconfiança, autonomia, independência, cooperação e solidariedade.

Não é qualquer agrupamento de alunos e/ou instrumentistas que pode ser considerado como ensino coletivo de instrumento. É possível perceber que muitas práticas em grupo, são erroneamente confundidas com o ECIM, entre elas podemos citar ensaios de orquestras, grupos de câmara, *masterclass*, e outras práticas de conjunto.

Nas *masterclass* normalmente temos vários alunos juntos, onde um deles toca determinado repertório enquanto os outros escutam e o professor corrige determinados problemas de execução, de forma que os demais alunos prestam atenção às suas observações. Muitas vezes neste contexto os níveis e o repertório dos alunos são diferenciados. Esta prática tem sua importância, mas não pode ser definida como ECIM, pois, nas aulas de ensino coletivo, todos os alunos devem

estar envolvidos na atividade e ativos todo o tempo. Não se descarta a possibilidade do professor poder usar “*masterclass*” como um recurso a mais em uma ou outra aula dentro do processo do ensino coletivo.

Outro modelo muito comum nas escolas especializadas são as aulas com turmas de três ou mais alunos, onde muitas vezes não existe a interação entre os alunos e, em alguns casos, cada um tem o próprio repertório. Constata-se com isso que se trata apenas de uma transposição da aula individual para a situação de grupo. Esse modelo de aula não demonstra uma compreensão pedagógica e musical da proposta de ECIM e da função potencial do ensino em grupo.

As práticas acima foram citadas apenas a título de exemplo, com a finalidade de diferenciar o ensino coletivo como um todo de outras práticas de ensino instrumental. Reconhece-se, no entanto, que dependendo dos contextos em que elas se aplicam, todas possuem seu grau de relevância.

Neste sentido destaco minha experiência como aluno, quando estudei violão no Curso Básico da Escola de Música da UFRN, obtive contato com práticas pedagógicas em conjunto. A primeira delas foi através das aulas de violão numa turma de três alunos. As aulas aconteciam de forma que cada aluno tinha uma peça e o professor corrigia possíveis erros de postura, interpretação e leitura musical aluno por aluno. Não havia interação entre os alunos e, pelo que pode perceber, o horário da aula era praticamente dividido entre os três alunos.

Dentre os pontos negativos desse processo, destaco o repertório não ser sempre o mesmo a todos os alunos, com isso era difícil dividir e conhecer as dificuldades em determinadas peças com os colegas, as faixas etárias eram significativamente diferentes e o nível era diferenciado, não sendo possível o atendimento adequado, principalmente para aqueles alunos que necessitavam de mais atenção. Um ponto positivo era o fato de estar no meio de pessoas que tocavam muito bem, isso me dava ânimo e estímulo para estudar.

Outra experiência foi na Orquestra de Violão da Escola de Música da UFRN onde fiquei por pouco tempo. A rotina da orquestra girava em torno dos ensaios e apresentações. Os componentes teriam que chegar com as peças lidas e prontas para tocar em conjunto. Nessa proposta, o objetivo principal era o aprendizado de peças para apresentações.

Esta proposta gerava certa motivação, por estar em um grupo, e, em alguns momentos, gerava uma competição saudável entre os alunos e desenvolvia as habilidades de se tocar em conjunto.

### **2.1.1 Principais características do ECIM**

Não foi encontrado nos trabalhos indicações quanto a críticas. No entanto, é possível supor que as críticas principais giram em torno: 1) do fato de que muitos educadores musicais tiveram seu processo de educação instrumental no modelo de ensino individual ou tutorial (discípulo-mestre); 2) a falta de conhecimento em relação às possibilidades de educação instrumental em grupo; 3) dúvidas quanto aos resultados (alguns professores acham o ensino tradicional – individual - mais rápido e prático); 4) pelo fato de não compreenderem a importância de outros aspectos envolvidos nesse processo, não apenas a técnica instrumental.

No entanto, esta proposta encontra diversos e fervorosos adeptos (GONÇALVES, 1989, p. 1) uma vez que essa metodologia traz grandes vantagens tanto para o professor como para o aluno.

A maioria dos autores indica que a metodologia do ECIM é mais eficiente na iniciação instrumental, tornando acelerado o desenvolvimento dos elementos técnico-musicais para a iniciação instrumental. O resultado musical ocorre de maneira rápida, motivando os alunos a darem continuidade ao estudo do instrumento, partindo do princípio de que podem ser usadas linguagens de fácil aprendizado, e que a interação entre os alunos cria um senso crítico mais rápido acerca da sonoridade do instrumento e da técnica.

Referem-se Tourinho e Barreto (2003) acerca da iniciação instrumental em grupo:

Vários anos de experiência no ensino do instrumento, tanto em grupo quanto individual, nos levam a acreditar que o rendimento do aluno iniciante é maior dentro de um grupo, com colegas que atuem como referência, e com a ajuda de um professor capacitado para lidar com as competências individuais e coletivas (TOURINHO e BARRETO, 2003, p.7).

O baixo índice de evasão é outro ponto positivo, pois quanto maior o número de alunos, à possibilidade de alunos permanecerem mesmo havendo desistência. Por exemplo: se em uma turma de 4 (quatro) alunos apenas 1(um) desistisse, ainda

sobrariam 3(três) alunos. Porém se uma turma se resumisse a apenas 1(um) aluno a desistência do mesmo levaria ao fechamento da turma. A interação com outros alunos contribui para o desenvolvimento do senso crítico, da consciência política e da noção de cidadania, mudando positivamente o comportamento dos sujeitos envolvidos. As relações interpessoais, no processo de ensino-aprendizagem coletivo, contribuem de maneira significativa no processo de desenvolvimento da aprendizagem, da expressão, da afetividade, da auto-valorização, da auto-estima, do respeito mútuo, da cooperação, da solidariedade e a união do grupo.

Além do que já foi citado podemos colocar também o acesso de mais pessoas com menor custo e aquisição mais rápida do conhecimento dos parâmetros musicais.

Uma das possíveis desvantagens apontadas para esta metodologia seria a dificuldade de atender aos alunos em nível técnico avançado, pois neste momento a individualidade, o perfil e a necessidade de aprofundamento dos alunos como músicos começam a se tornar mais evidente. Neste sentido, em um artigo em que a professora Tourinho (2007) é uma das entrevistadas, a autora relata que a mesma utiliza o ensino coletivo apenas para alunos iniciantes.

Com a maior demanda de alunos por turma o professor tende a falar mais e até mesmo repetir algumas coisas tendo um maior desgaste, por isso o professor deve planejar uma aula dinâmica com jogos e brincadeiras para não cansar e desestimular o grupo. As aulas deverão ser bem planejadas com várias práticas e atividades que envolvam todo o grupo.

Uma possível desvantagem seria quando um componente da turma falta uma aula. A ausência de um aluno em uma turma pode acarretar no desnivelamento do mesmo em relação aos seus colegas. No entanto, se caracterizará como desvantagem se o educador não tiver estratégias para re-nivelamento (horários para atendimento individualizado ou reforço) ou de desenvolver um clima de cooperação entre os alunos em sala de aula.

A necessidade de materiais básicos como cadeiras, quadro, estantes, apoio de pé e o espaço da sala que comporte todos os alunos são fatores que influenciam diretamente na execução positiva das aulas.

### 2.1.2 A metodologia do ensino coletivo de instrumento

A proposta do Ensino Coletivo de Instrumento Musical (ECIM), a princípio, não tem como foco principal ensinar apenas o instrumento musical, mas ensinar música através dele e, segundo Gonçalves (1989), reconduzir o instrumento à sua condição de estar a serviço da música e não apenas do virtuose.

Segundo Cruvinel (2003) percebem-se alguns pressupostos presentes nas práticas e registros, como: 1) ECIM focado na iniciação; 2) ECIM focado no desenvolvimento técnico instrumental; e 3) ECIM focado nos aspectos de democratização do acesso ao ensino musical (inclusão e transformação social).

A professora Dra. Cristina Tourinho (2007) utiliza e acredita que o ECIM funciona muito bem para alunos iniciantes.

Independente do foco principal do Ensino Coletivo do Instrumento Musical, alguns elementos devem ser levados em consideração como o planejamento (que deve ser focado no grupo) e os equipamentos e procedimentos básicos de ensino e características metodológicas. Com relação ao planejamento do programa para o grupo, é importante considerar o grau de musicalização da turma, a faixa etária, o limite de vagas, a cronometragem e a frequência as aulas.

Para o ensino do violão, Tourinho (2006) sugere alguns passos ao professor que vai experimentar pela primeira vez essa metodologia: marcar o chão da sala com durex colorido ou fita crepe, delimitando a distancia correta entre os violonistas, até que os estudantes se acostumem a sentar na disposição indicada. Outra sugestão é sentar os alunos em cadeiras dispostas dentro de um círculo. Boa parte das atividades pode ser feita com os estudantes sentados desta forma, na qual se inclui o professor. Esta disposição democrática, onde todos se colocam em posição igualitária, é defendida por Antunes e outros autores (BALLY, 1958; ANDREOLA, 1982; CONTRERAS,1999) e traz a vantagem de que cada estudante tem à sua frente o colega, um “espelho” do que está realizando, além de que é possível sempre um contato visual entre os membros do grupo. Em círculos podem ser realizadas, por exemplo, atividades orais (faladas e cantadas) e tocadas com e sem o instrumento. Sugere-se utilizar esta disposição para trabalhar seqüências de nomes de notas, pulsação, acordes, escalas e arpejos. A disposição dos alunos em círculo permite também um maior contato visual entre todos os estudantes, o que

acaba favorecendo as atividades que precisam de regularidade de pulsação e que demandam um controle motor coletivo, um tocando depois do outro.

Outra proposta é a de dividir os alunos em duplas ou equipes, colocando-as uma de frente para outra. Uma opção para o trabalho de percepção é posicionar os alunos um de costas para o outro, onde um aluno toca um pequeno trecho para que o outro repita.

O professor também pode propor que um estudante se oferece ou é escolhido para tocar a peça que todos estão estudando ou não. Ou mesmo o professor pode ouvir individualmente cada um, mas envolvendo o grupo em uma audição participativa os resultados musicais são mais efetivos. Sentam lado a lado o professor e um estudante, e os demais acompanham com a partitura, sentados em frente da dupla em linha única. As explicações dadas pelo professor ao estudante que está tocando devem ser dirigidas a todos e que também devem ser estimulados a oferecer sugestões para a solução dos problemas encontrados (dedilhados, fraseados, dinâmica, concepção musical). O professor deve propor a escuta consciente e a tomada de decisões musicais, que podem acontecer desde o repertório mais simples de um aluno iniciante.

Agrupar os estudantes como uma orquestra de cordas, em naipes, é outra proposta. Esta disposição é excelente para se trabalhar músicas a duas, três e quatro vozes e também para que os estudantes aprendam a tocar a sua parte enquanto escutam outras, atender a sinais de regência e equilibrar os sons das diferentes vozes. É uma boa alternativa para reunir todos os estudantes de um turno, em vários estágios de performance. No ensino coletivo de violão música de conjunto é uma das possibilidades a ser explorada, mas não se deve confundir a prática de conjunto com ensino coletivo de violão (TOURINHO, 2006).

### **2.1.3 Ensino coletivo de instrumento musical: um meio de democratização do acesso à educação musical**

A música é uma das mais antigas e valiosas formas de expressão da humanidade e sempre esteve presente na vida das pessoas. Antes de Cristo, na

Índia, China, Egito e Grécia já existia uma rica tradição musical. Na Antiguidade, filósofos gregos consideravam a música como uma “dádiva” divina para o homem. Na Grécia, a música era considerada fator fundamental na formação dos cidadãos, tanto quanto a filosofia e a matemática.

O ensino de música não deve ser encarado apenas como um simples aprendizado de instrumento. É importante levar em consideração todos os valores que o aprendizado da música proporciona ao indivíduo.

O ECIM não tem a proposta de ensinar música apenas para os que querem ser profissionais e/ou para aqueles que demonstram aptidão ou talento musical. Pois este ensino deve ser oferecido a todo cidadão.

Não devemos olhar uma criança ou um iniciante como um futuro profissional. Devemos enxergar a individualidade de cada aluno, sua realidade humana, no contexto cultural e social. O educador musical deve estar atento ao universo musical de seus alunos para um melhor diálogo e, conseqüentemente, um melhor desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem. Buscar compreender o contexto social, econômico, político e cultural em que seu aluno está inserido, para que sua atuação seja crítica e eficaz na transformação social.

Segundo CRUVINEL (2004) ainda encontramos educadores musicais vivendo distante do contexto social dos seus alunos, repassando e perpetuando antigas fórmulas metodológicas absolutas e imutáveis. A autora ressalta que:

A postura do educador musical crítico e reflexivo é aquela que tem uma escuta sensível aos anseios dos educando, em um estado de permanente diálogo, além de ser um investigador reflexivo e atuante no sentido de estar sempre atento aos processos de ensino aprendizagem, considerando a realidade de cada educando em seus diversos aspectos sócio-culturais, tendo em vista a complexidade em que se vive o mundo e se constrói o conhecimento. (CRUVINEL, 2004, pág.34).

O professor deve se conscientizar sobre o papel que desempenha na sociedade e que tipo de cidadão pretende formar. O educador musical deve ter o interesse em compartilhar suas experiências e conhecer outras, a partir de um maior intercâmbio com outros educadores.

Segundo Freire, é preciso que este profissional abranja efetivamente todos os níveis e situações, integre teoria e prática, seja instrumentista e possa lidar com a multiplicidade da cultura brasileira (Freire, 2001, 17).



O ECIM se configura como uma prática que possibilita o maior acesso ao estudo da música. Devido ao pequeno número de vagas muitas vezes oferecidas na relação de 1 para 1 (um aluno para um professor) e ao grande número de pessoas que não conseguem ter acesso ao ensino da música, o ECIM permite que mais pessoas tenham oportunidade de aprender, vivenciar e estudar música.

## 2.2 HISTÓRICO

Dentre as primeiras experiências documentadas de ensino de instrumento em grupo destaca-se a de J. B. Logier (1777-1846), pianista, descendente de uma família de refugiados franceses. O mesmo usava o teclado como meio musicalizador com grupos de até 12 alunos. A essa nova maneira de ensinar ele chamou de “novo sistema de educação musical” (GONÇALVES, 1989).

A informação acima confirma o que Cruvinel (2004, p. 76) coloca em um de seus artigos: “acredita-se que a sistematização do ensino coletivo em instrumentos musicais iniciou-se a princípio na Europa e depois foi levado para os Estados Unidos.”

Na época, este sistema gerou muita controvérsia entre os músicos em geral que, a princípio, se opuseram a ele. Desde as primeiras décadas do século XIX já se tem notícia de aulas coletivas em diversos instrumentos nos EUA. A maior parte das academias de música que trabalhavam com ensino coletivo era em instituições familiares e, segundo Oliveira (1998, p. 3), “a metodologia coletiva possibilitava atender a um grande número de alunos por turma (estima-se que a média era de 20 pessoas) e, além disso, propiciava um convívio social que foi de fundamental importância para o sucesso das escolas”.

Nos Estados Unidos, durante o século XIX e especialmente depois da Guerra Civil (1861-1865), a vida musical se tornou efervescente: a cultura européia se expandiu através de turnês e de músicos menos sofisticados começaram a formar bandas e orquestras que supriam a demanda de música popular e de dança. Todas as partes do país experimentaram um verdadeiro despertar musical e muitos conservatórios foram, então, fundados, tais como The Boston Conservatory (1867) e The New England School (criado apenas uma semana depois), implementando a mesma metodologia utilizada nos conservatórios europeus.

Para Oliveira (1998, p. 9) existem três fases principais na história do Ensino Coletivo em Instrumentos de cordas nos Estados Unidos:

1ª fase: *a das academias* onde o ensino coletivo era praticado com um grande número de alunos em cada classe e todos os alunos tocando ao mesmo tempo;

2ª fase: *a dos conservatórios* com uma quantidade menor de alunos (quatro em cada classe) e cuja execução prática se dava em forma de revezamento; e

3ª fase: *a das escolas públicas*, com um grande número de alunos por classe e execução em conjunto.

Nos Estados Unidos, as pedagogias do ensino coletivo tiveram um declínio no final do século XIX, com o surgimento dos cursos superiores e pelo fato de muitos professores as criticarem. O desenvolvimento técnico dos intérpretes e o ensino individual de instrumentos foram adotados pelas universidades e conservatórios (CRUVINEL, 2004).

No Brasil, nomes como Alberto Jaffé (pioneiro no Ensino Coletivo de Cordas), José Coelho de Almeida (pioneiro do Ensino Coletivo de Sopros), Pedro Cameron, Maria de Lourdes Junqueira, Diana Santiago, Alda Oliveira, Cristina Tourinho, Joel Barbosa, Maria Isabel Montandon, Abel Moraes, João Maurício Galindo, entre outros, utilizam o ensino coletivo como metodologia eficiente na iniciação instrumental (CRUVINEL, 2009).

No final da década de 50 temos o trabalho de José Coelho de Almeida. O trabalho deste professor é considerado como o pioneiro no ensino coletivo de sopros. Formava bandas de música em fábricas do interior paulista. Em seguida, já como diretor do Conservatório Estadual Dr. Carlos de Campos (Tatuí/SP), inaugurou o curso de iniciação musical de instrumentos de cordas (OLIVEIRA, 1998 apud CRUVINEL, 2004).

Em 1975, Alberto Jaffé e Daisy de Luca iniciaram o projeto de ensino coletivo de cordas em Fortaleza - CE, a convite do Serviço Social da Indústria – SESI. Este projeto se espalhou por todo o Brasil e teve o apoio do Ministério da Educação (OLIVEIRA, 1998, citado por CRUVINEL, 2004).

Uma referência quando se fala em ensino coletivo de instrumento no Brasil é também a professora Maria de Lourdes Junqueira Gonçalves, que fez as primeiras publicações de partituras brasileiras voltadas para o ensino coletivo de piano para crianças. Seu livro tem como objetivo a formação da pessoa musicalmente preparada, sem a preocupação de transformá-lo em um grande ícone ou virtuose do

piano. Seu trabalho foi o resultado de um programa de pesquisa sobre a metodologia do ensino do piano em grupo, iniciado na UFRJ, e concluído na UNIRIO.

Apesar do trabalho dessa professora ser destinado ao ensino de piano, alguns princípios que embasam essa proposta são os mesmos para o ensino de violão. Gostaria de destacar dois desses princípios:

1º) A educação musical deve ser dada a todos principalmente pelo seu valor no enriquecimento da vida das pessoas e da sociedade;

2º) O instrumento é um meio capaz de oferecer amplas oportunidades de experimentação, percepção, compreensão da expressividade da música através de seus elementos (melodia, ritmo e harmonia).

Maria de Lourdes defende que as aulas dentro da proposta de ensino coletivo de instrumento são mais dinâmicas, mais econômicas, mais divertidas e mais eficientes com relação ao desenvolvimento da criatividade, principalmente para as crianças.

No que diz respeito ao violão, merece destaque o trabalho da professora Dra. Cristina Tourinho, violonista, professora da Escola de Música da Universidade Federal da Bahia. Através de artigos e palestras, vem disseminando os seus resultados de pesquisas e descobertas na área por todo o país. Esta professora já conta com um trabalho de 15 anos de pesquisa como professora e coordenadora das oficinas de violão da Universidade Federal da Bahia. O trabalho da professora Cristina Tourinho com a metodologia de ensino coletivo de instrumento (violão) se dá nos cursos de extensão promovido pela Escola de Música da Universidade Federal da Bahia. Esses cursos geralmente são destinados para alunos iniciantes e tem a duração máxima de quatro semestres. Embora sejam alunos iniciantes, a professora defende que é importante realizar uma entrevista entre os candidatos para que possam ser agrupados de acordo com turno escolhido para as aulas, faixa etária e grau de habilidade no instrumento.

No Brasil podemos também citar alguns projetos sociais que trabalham com a metodologia em questão como, por exemplo, o Projeto Guri que nasceu em São Paulo (1995). Este projeto é considerado como sendo o maior programa sociocultural do Brasil e já conta com 366 pólos distribuídos em diversos municípios do interior e litoral do Estado de São Paulo. O Projeto Guri tem como missão promover, com excelência, a educação musical e a prática coletiva de música, tendo

em vista o desenvolvimento humano de gerações em formação. Oferece, continuamente, nos períodos de contra turno escolar, diversos cursos como, por exemplo, de iniciação e teoria musical, canto coral, luteria e aprendizado de instrumento de cordas, madeiras, sopro e percussão. Nos pólos do Projeto Guri, as aulas são sempre praticadas em grupo estimulando a participação ativa dos alunos.



**FIGURA 3:** Ensino coletivo de instrumento no projeto Guri

Fonte:<<http://www.projetoguri.org.br/revista/index.php/ei/article/view/25/69>> Acesso em 10 mai 2011

As pesquisas sobre o ensino coletivo de instrumento começaram a aparecer nas teses e dissertações na última década do século XX dentre as quais podemos destacar: MORAES (1995 e 1996), MONTANDON (1992), TOURINHO (1995), OLIVEIRA (1998), GALINDO (2000), CRUVINEL (2001 e 2005), BARBOSA (2004). Trazendo com isso novas metodologias e práticas, fomentando e divulgando a proposta pelo país, através de fóruns, encontros de educação musical e o ENECIM – Encontro Nacional de Ensino Coletivo de Instrumento Musical.

### 3 ANÁLISE DO QUESTIONÁRIO

#### 3.1 PERFIL DOS ENTREVISTADOS E SUAS INSTITUIÇÕES

Em Natal, a formação acadêmica no instrumento musical no nível de graduação foi criada em 1997, com a implantação do curso de bacharelado na Escola de Música da Universidade Federal do Rio Grande do Norte - EMUFRN. Antes os alunos que optavam pelo estudo superior na cidade faziam o curso de Artes com habilitação em música ou saíam da cidade para cursar bacharelado em instrumento. O curso de licenciatura em música foi criado apenas em 2002. Acredito que devido a este fato a maior parte dos professores entrevistados tem formação na qualidade de bacharel.

As cinco instituições entrevistadas foram: Solar Bela Vista (do Serviço Social da Indústria – SESI), Centro Municipal de Artes Integradas (CEMAI), Instituto Waldemar de Almeida (IMWA), Oficina livre de musica e Escola de Música da UFRN.

O Solar Bela Vista é uma instituição financiada pelo SESI – Serviço Social da Indústria, localizado na Cidade Alta. O Centro de Cultura e Lazer do SESI tem como objetivo levar aos industriários, familiares e ao público em geral a arte nos mais diversos segmentos. Foi entrevistado um professor que está concluindo o curso de licenciatura em música na UFRN. Este professor leciona nessa instituição nas duas unidades (Zona Norte e Zona Sul). Trabalha com turmas com quatro alunos por sala e também com aulas individuais.

O CEMAI é um projeto financiado pela prefeitura, localizado na Zona Norte, para pessoas de baixa renda, disponibilizando gratuitamente à população uma infinidade de cursos que ensinam as mais variadas formas de arte aos alunos, além de promover diversos eventos englobando várias manifestações artísticas como é o caso da Semana de Arte e Cultura do CEMAI. A professora que leciona nesta instituição possui o curso de musica bacharelado em violão e trabalha com cerca de quinze alunos por turma.

O Instituto de Música Waldemar de Almeida (IMWA) foi criado no ano de 1986, sendo a única escola de música ligada ao Governo do Estado. O Instituto

mantém programas de profissionalização de instrumentistas, promove recitais e apresentações artísticas, além de contar com grupos musicais e de canto coral de grande credibilidade. A professora entrevistada tem formação acadêmica em música, e está concluindo seu curso de doutorado junto à Universidade Federal do Rio Grande do Sul segundo a entrevista relatou ter lecionado turmas de até, seis alunos.

A Oficina Livre de Música é uma instituição particular de ensino de música e está localizada na Av. Hermes Fonseca – Tirol. É um espaço destinado ao aprendizado da música fundado em 1998 com o propósito de desencadear o processo e musicalização de crianças, jovens e adultos. Tem como objetivo possibilitar a ampliação do universo sonoro e musical de seus alunos, estimulando o desenvolvimento da sensibilidade e elevando sua auto-estima de seus alunos de forma prazerosa através de um trabalho prático e coletivo. É uma das poucas escolas de música cadastradas na Secretaria de Educação do Estado e seu quadro é composto por profissionais graduados em Música e Pedagogia. O professor entrevistado da escola é licenciado, trabalha com turma de alunos com, no máximo, quatro alunos por turma.

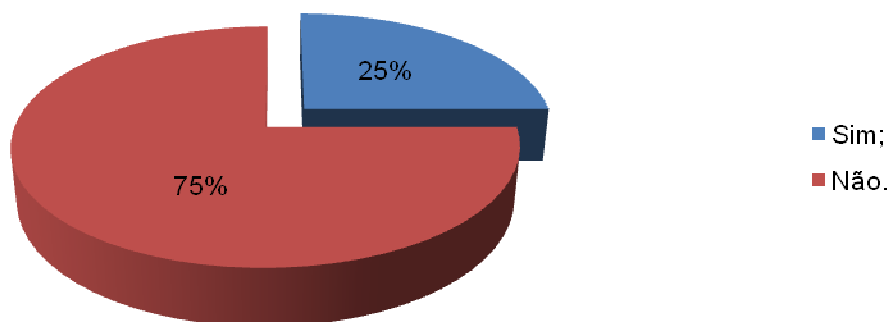
A EMUFRN – Escola de Música da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, localizada no campus universitário. Oferece os seguintes cursos: CIART - Curso de Iniciação Artística, musicalização, curso básico, técnico, bacharelado, licenciatura e pós-graduação. Dentre os professores que responderam ao questionário, um possui o título de doutor, outro é doutorando e o terceiro tem o curso de bacharelado e esta cursando a Especialização em Práticas Interpretativas do XX e XXI. As aulas coletivas acontecem no curso básico, dentro do Programa de Extensão. A princípio o curso oferecia o ensino tutorial, mas devido o aumento do número de pessoas interessadas, foi necessária a implantação do ensino em grupo, com, no máximo, quatro alunos por turma.

### 3.2 ANÁLISE QUANTITATIVA

Os dados quantitativos coletados pelas questões objetivas foram analisados de acordo com a disposição das perguntas e das respostas dos participantes. As respostas de cada uma das questões 1, 7, 8 e 9 foram citadas e comentadas, seguidas também por uma reflexão analítica visando buscar resultados, causas ou soluções para as dificuldades identificadas.

As questões do questionário aplicado aos professores acima citadas foram analisadas quantitativamente, através de gráficos que demonstram a quantidade de questões em função de cada profissional que respondeu “SIM” ou “NÃO”, seguido por um comentário a respeito dos exemplos citados em algumas questões e uma análise sobre a impressão que o resultado do gráfico demonstrou.

1) Durante a sua formação musical no instrumento o(a) Sr.(a) teve algum contato com o ensino coletivo de instrumento(ECI)?

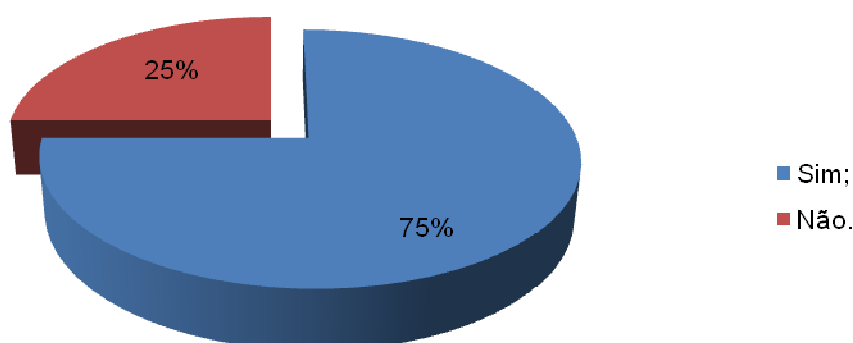


**GRÁFICO 1:** TEVE O CONTATO COM O ENSINO COLETIVO DE INSTRUMENTO – ECI

Na primeira questão que se refere ao início de sua formação, apenas 25% dos entrevistados disseram que, durante a sua formação, houve contato com o ensino coletivo. Este fato ocorre devido à prática do Ensino Coletivo de Instrumento Musical ser recente em nosso contexto. Os dois entrevistados que responderam “sim” à questão ainda estão em processo de conclusão da graduação, apesar de já ministrarem aulas, por isso afirmaram que tiveram contato com a metodologia do

ECIM durante sua formação musical. Nesta questão, um dos entrevistados respondeu positivamente, porém, na questão 1.1 sua resposta diz respeito a uma prática de música de câmara. Isto confirma o que foi colocado na conceituação do tema, que alguns profissionais erroneamente confundem o ensino coletivo de instrumento com práticas de ensino em conjunto.

7) O (a) Sr. (a) conhece alguma método de ensino coletivo de instrumento?

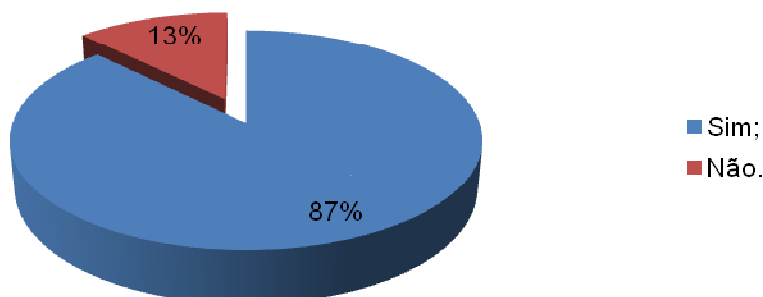


**GRÁFICO 2: CONHECE ALGUM MÉTODO DE ECI**

Na questão 7.1, os entrevistados citaram nomes de profissionais que se destacam na área de acordo com seus métodos. Dentre os nomes mais citados está o de Cristina Tourinho quase unânime entre os entrevistados. Entre os métodos é citado o Método da Capo – Joel Barbosa, Oficina de Violão – Cristina Tourinho e Robson Barbosa, Método Jaffé – Alberto Jaffé, Método ensino coletivo de João Maurício Galindo (dissertação de mestrado) e o método Suzuki.



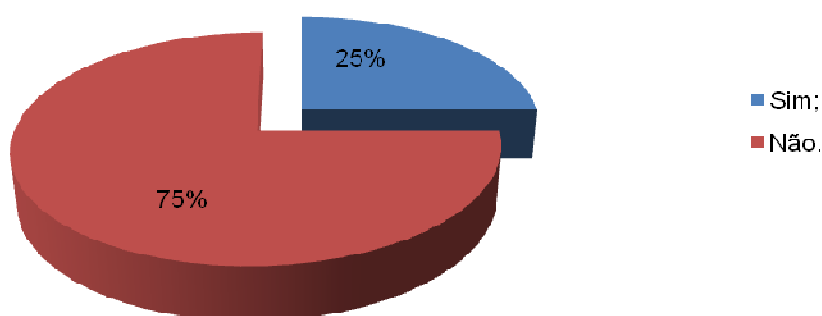
8) Como docente o(a) Sr.(a) trabalha com ECI ou já trabalhou?



**GRÁFICO 3: TRABALHA COM ECI**

Nesta questão podemos perceber que apenas 13% dos entrevistados não trabalham com o ensino coletivo de violão. Com isso podemos perceber como a prática desta metodologia é presente em nossa cidade. É importante destacar, ainda, que um dos entrevistados relatou que já atuou com a metodologia em outras instituições como Centro Social Urbano da Cidade da Esperança, o Projeto Operarte (FAL), O Instituto de Música Waldemar de Almeida (FJA), o Conservatório D'Alva Esttela Nogueira Freire (UERN-Mossoró).

9) A prática do ensino coletivo de instrumento é vivenciada no seu contexto institucional?



**GRÁFICO 4: A PRÁTICA DO ECI É VIVENCIADA NO CONTEXTO INSTITUCIONAL.**

Das respostas positivas os instrumentos que trabalham com a metodologia além do violão são: flauta doce, piano e canto. As respostas positivas demonstram o quanto às instituições tem aderido a esta prática.

### 3.3 ANÁLISE QUALITATIVA

A análise a seguir corresponde às respostas dos professores às questões subjetivas e, portanto exigiu uma análise qualitativa, colocando em destaque as que julgamos mais relevantes para a presente pesquisa.

Na questão 1.1 se pede para relatar a experiência no ECIM caso a resposta à questão 1 fosse positiva em relação ao ECIM em sua formação musical. Dois dos entrevistados relatam que o contato com o ensino trouxe grande experiência pra ele no assunto. Outro entrevistado afirma que “[...] foi uma experiência ‘legal’ onde os alunos se ajudavam e era uma boa ferramenta para se estudar peças em duo, trio e quarteto.” É importante destacar que o estudo de peças em conjunto não se caracteriza como ECIM, sendo apenas um recurso que o professor pode usar em suas aulas em grupo.

A questão dois pergunta o que é o ensino coletivo na opinião dos entrevistados. Dentre algumas respostas destaco:

*O ensino coletivo de instrumento para mim é uma proposta metodológica para o ensino de instrumento que consiste em um trabalho em conjunto mútuo, dinâmico e compartilhado entre os participantes. Diferente de uma aula individual, o ensino coletivo promove o envolvimento de todos os alunos em uma mesma atividade, fazendo com que cada um contribua e participe conforme suas possibilidades técnicas e musicais.*

Outro entrevistado responde “Trata-se da utilização de aulas em grupo (vários alunos em uma turma sob a orientação de um professor), em oposição à aula individual, onde a ‘turma’ é composta apenas por um aluno”. Seguindo a mesma linha de raciocínio outro entrevistado completa dizendo que “É uma metodologia de aula em grupo que favorece a aprendizagem de todos. É um exercício de democratização e solidariedade dentro de um contexto de ensino de música”.

Esse depoimento confirma o que Gonçalves (1989) coloca que nessa proposta acontece um desenvolvimento em espiral do processo de aprendizagem de conceitos (teoria) e habilidades funcionais (prática).

Em todas as repostas é interessante notar como os entrevistados frisam a importância da participação de todos, sendo uma prática diferenciada do ensino individual. Assim como é colocado na conceituação do tema.

Na questão 3 os entrevistados falam sobre a relevância do ECIM e justificam tal afirmativa. Entre as respostas destaco os seguintes trechos em que relatam “haver uma interação entre os alunos”, “vivência dos parâmetros musicais”, “o aprendizado é mais rápido”, “é uma forma de socializar o ensino”, “é uma alternativa de estímulo para alunos”, “favorece o desenvolvimento técnico e musical a partir da observação e imitação”, “há interação e convívio com os demais alunos e facilidade do acesso ao fazer musical a um número maior de interessados, tendo em vista as escassas vagas nas escolas especializadas”.

Na questão 4 são colocados os pontos positivos e negativos. Entre os pontos positivos identifiquei nas respostas: “o estímulo que o ensino em grupo pode proporcionar para o aluno”, “a aprendizagem através do compartilhamento de conhecimento”, “das trocas e da própria dinâmica das aulas que propiciam um maior envolvimento dos alunos”, “possibilita um maior rendimento”, “proporciona um maior envolvimento entre alunos e professor e interação”. Dos pontos negativos que os professores relatam deve-se à dificuldade de lidar com os diferentes níveis de conhecimento musical, estímulos e gosto musical. Com relação a este ponto, destacamos a afirmação de Tourinho quando coloca que a cada novo semestre ele faz novas entrevistas para nivelamento dos alunos.

As questões 5 e 6 perguntam acerca do faixa etária, nível e número de alunos por turma. Quanto à faixa etária, um dos entrevistados opina “Penso que o sistema funciona bem em qualquer faixa etária, sendo necessário apenas que os alunos estejam nivelados musicalmente.” Outro entrevistado confirma em relação a faixa etária ,porém, sobre o nível responde:

*Para mim, não há uma faixa etária, nem um nível específico que determine a melhor utilização do ensino coletivo. Esses aspectos são relativos, assim como não há uma faixa etária específica ou nível determinado para que um indivíduo comece a estudar um instrumento musical.*

Alguns profissionais entrevistados estabelecem uma faixa etária e nível: “5 à 11 anos, para alunos iniciantes.”

Em relação a número de alunos um dos entrevistados responde:

*[...] considero muito relativo, isso depende do instrumento, do grupo de alunos e sobretudo do professor. Porém, a professora Cristina Tourinho, em seus cursos orienta que o um bom número de alunos para o ensino coletivo de violão deva ser de cinco alunos.*

A questão 10 fala sobre o conhecimento dos professores acerca de profissionais que trabalham com o ensino coletivo de instrumento. Dentre eles foram citados: professora Maria de Lourdes, professora Maria da Conceição, professor Eguiberto, professora Gleika, professor Welson, professor Ms. João Raone, através da orquestra de violões da escola de música, Carlos Zens e Alexandre Moreira.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Realizar esta pesquisa, foi uma atividade proveitosa e muito relevante que tive durante o meu curso de licenciatura em música. Durante o meu processo de formação, tive muitas experiências que, com certeza, contribuirão para meu desempenho como educador musical. Entre outras experiências cito a palestra que Cristina Tourinho fez na EMUFRN – Escola de Música da Universidade Federal do Rio Grande do Norte no dia 20 de agosto de 2010, despertando em mim um grande interesse na área e mostrando como o ECIM pode ser trabalhado de forma proveitosa e eficaz.

Acredito que esta metodologia poderia ser facilmente aplicada nas escolas pertencentes à educação básica. Na minha perspectiva esta metodologia é uma peça fundamental na implementação da educação musical em Natal, seu crescimento só trará mais benefícios para a comunidade acadêmica e para os profissionais da área.

A metodologia de desenvolvimento de ações em ensino coletivo tem dado certo e se mostrado como meio mais prático para se conseguir resultados propícios, além de facilitar o acesso ao maior número de pessoas à música. Na área da música nota-se a necessidade de executar mais ações práticas com os alunos, que os ajudem a ver a teoria de uma maneira mais proveitosa.

Espero que essa pesquisa seja útil para os profissionais interessados na metodologia do ECIM e que os ajude em propostas para melhor desenvoltura em campo, pois creio que esta metodologia pode ser aprimorada gerando novas possibilidades para desenvolver um trabalho ainda mais competente e exemplar para a educação musical.

Seria interessante que nos cursos de licenciatura em música fossem acrescentadas disciplinas com mais informações acerca do ECIM, não apenas através de palestras, mas com uma abordagem mais completa que permita ao futuro educador musical uma melhor visão de tal proposta.

Os resultados obtidos através do questionário produziram o conhecimento de espaços e profissionais que abordam o ensino coletivo de instrumento. Suas contribuições puderam ser medidas e analisadas, contudo sabe-se que há muitas mudanças significativas ocorrendo a todo o momento, e é fundamental que o

educador musical seja um eterno pesquisador de inovações na educação musical, buscando uma melhoria constante no seu desempenho como educador.

## REFERÊNCIAS

BARBOSA, Joel. *Da Capo: método elementar para o ensino coletivo e/ou individual de instrumentos de banda*. Jundiaí: Ed. Keyboard, 2004. CRUVINEL, Flavia Maria. *Educação Musical e Transformação Social*. Goiânia: ICBC, 2005.

BRAGA, Paulo David Amorim. ***Oficina de violão: estrutura de ensino e padrões de interação em um curso coletivo à distância***. 2009. 320 f. Tese (Doutorado) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2009. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.ufba.br>> Acesso em 27 abr 2011.

CLEMENTINO, Guipson Rodrigues. Ensino coletivo de violão – uma possibilidade atual. In: ENCONTRO REGIONAL DA ABEM, 9., 2010, Natal/RN. ***Ensino coletivo de violão – uma possibilidade atual***. Natal.rn: Ufrn, 2010. v. 1, p. 1 - 5. Disponível em: <<http://www.musica.ufrn.br/revistas/index.php/abemnordeste2010/article/viewFile/15/87>>. Acesso em: 26 abr. 2011.

CRUVINEL, Flavia Maria. *Efeitos do Ensino Coletivo na Iniciação Instrumental de Cordas: A Educação Musical como meio de transformação social*, Vol.1. Goiânia:Dissertação de Mestrado - Escola de Música e Artes Cênicas, Universidade Federal de Goiás, 2003, 217p.

\_\_\_\_\_. *I ENECIM – Encontro Nacional de Ensino Coletivo de Instrumento Musical: o início de uma trajetória de sucesso*. Universidade Federal de Goiás. In: I ENECIM – Encontro Nacional de Ensino Coletivo de Instrumento Musical. 2004, Goiás. Anais... p. 30-36. Disponível em: <[http://prolicenmus.ufrgs.br/repositorio/moodle/material\\_didatico/musica\\_aplicada/turma\\_def/un04/links/Anais\\_I\\_ENECIM.pdf](http://prolicenmus.ufrgs.br/repositorio/moodle/material_didatico/musica_aplicada/turma_def/un04/links/Anais_I_ENECIM.pdf) > Acesso em: 05 mai de 2011.

\_\_\_\_\_. *Educação musical e transformação social: uma experiência com ensino coletivo de cordas*. Goiânia: Instituto Centro-Brasileiro de Cultura, 2005.

FREIRE, Ana Maria Araújo (Org.) *Pedagogia dos sonhos possíveis*. São Paulo: Ed. UNESP, 2001.

GONÇALVES, C. W. P. *Os (des)caminhos do meio ambiente*. São Paulo: Contexto, 1989.

GONÇALVES, Maria de Lourdes Junqueira. *Musicalização através do teclado: etapa de musicalização*. Manual do professor. 1 v. 3. ed. Rio de Janeiro: Edição da Autora, 1989.

NEVES, Izabella L. *O cavaquinho como elemento motivador da Iniciação Musical*. Monografia (Licenciatura Plena em Educação Artística - Habilitação em Música) -

Instituto Villa-Lobos, Centro de Letras e Artes, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, 2006.

NEVES, José Luis. Pesquisa qualitativa: características, usos e possibilidades. *Caderno de Pesquisas em Administração*, São Paulo, v. 1, n. 3, 2. Sem./1996. Disponível em: <<http://www.ead.fea.usp.br/cad-pesq/arquivos/c03-art06.pdf>> Acesso em: 30 mai. 2011.

OLIVEIRA, Alda de Jesus. *Educação musical e diversidade: pontes de articulação*. In: ABEM, 2006, p.29.

OLIVEIRA, Enaldo. *O Ensino coletivo dos instrumentos de corda: reflexão e prática*. 1998. 202 p. Dissertação (Mestrado). Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998.

TEIXEIRA BARRETO, M. S. *Ensino Coletivo de Violão: Diferentes Escritas no Aprendizado de Iniciantes*. 2008. Monografia de fim de curso de Licenciatura em Música – Instituto Villa-Lobos, Centro de Letras e Artes, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro.

TOURINHO, Cristina e BARRETO, Robson. *Oficina de Violão*, v. 1. Salvador, Moderna, 2003.

\_\_\_\_\_. *Oficina de Violão*, v. I. Salvador, Quarteto, 2003. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.ufba.br>> Acesso em 27 abr. 2011.

\_\_\_\_\_, Ana Cristina Gama dos Santos. *A motivação e o desempenho escolar na aula de violão em grupo: influência do repertório de interesse do aluno*. 1995. Dissertação (Mestrado) - Curso de Educação Musical, Pós-Graduação em Música, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1995.

\_\_\_\_\_, Cristina. A Motivação e o desempenho escolar na aula de violão em grupo: Influência do repertório de interesse do aluno. *ICTUS, Revista do PPGMUS-UFBA*, 2002, p. 157-242.

\_\_\_\_\_. *Ensino Coletivo de Violão e Princípios da Aprendizagem Colaborativa*. In: I ENCONTRO NACIONAL DE ENSINO COLETIVO DE INSTRUMENTO MUSICAL, 1, 2004. 1., Goiânia: ENECIM, 2004. p. 37 - 43. Disponível em: <[http://prolicenmus.ufrgs.br/repositorio/moodle/material\\_didatico/musica\\_aplicada/turma\\_def/un04/links/Anais\\_I\\_ENECIM.pdf](http://prolicenmus.ufrgs.br/repositorio/moodle/material_didatico/musica_aplicada/turma_def/un04/links/Anais_I_ENECIM.pdf)> Acesso em: 5 mai. 2011.

\_\_\_\_\_. *Ensino coletivo de violão: proposta para disposição física dos estudantes em classe e atividades correlatas*. Disponível em: <[http://www.artenaescola.org.br/pesquise\\_artigos\\_texto.php](http://www.artenaescola.org.br/pesquise_artigos_texto.php)> Acesso em: 5 mai. 2010.



\_\_\_\_\_. Ensino coletivo de instrumentos musicais na Escola de Música da UFBA: inovando a tradição, acompanhando o movimento musical do Brasil In: CAJAZEIRA, Regina; OLIVEIRA, Alda (Org.). *Educação musical no Brasil*. Salvador: P&A, 2007, p. 256- 264. TOURINHO. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.ufba.br>> Acesso em: 27 abr. 2011.

\_\_\_\_\_. O ensino coletivo violão na educação básica e em espaços alternativos: utopia ou possibilidade? ENCONTRO REGIONAL DA ABEM CENTRO-OESTE, 8., 2008, Brasília. Disponível em <[http://www.jacksonsavitraz.com.br/abemco.ida.unb.br/admin/uploads/pdf/forum2\\_cristna\\_tourinho.pdf](http://www.jacksonsavitraz.com.br/abemco.ida.unb.br/admin/uploads/pdf/forum2_cristna_tourinho.pdf)> Acesso em: 01 mai. 2011.

\_\_\_\_\_. *Ensino Coletivo de Instrumentos Musicais: crenças, mitos, princípios e um pouco de história*. In: XVI Encontro Nacional da ABEM, e Congresso Regional da ISME, América Latina, 2007.

VIEIRA, Gabriel et al. Ensino coletivo de violão: Técnicas de arranjo para o desenvolvimento pedagógico. In: ENCONTRO ANUAL DA ABEM E CONGRESSO REGIONAL DA ISME NA AMÉRICA LATINA, 16. 2007 Santa Catarina. *Ensino coletivo de violão: Técnicas de arranjo para o desenvolvimento pedagógico*. v. 1, p. 1 - 12.

PROJETO GURI. Disponível em <http://www.projetoguri.com.br/>. Acesso em: 03 abr 11.

VIEGAS, Waldir. Fundamentos de metodologia científica / Waldir Viegas – Brasília: paralelo 15, Editora Universidade de Brasília, 1999.

## **APÊNDICE**

**APÊNDICE A****QUESTIONÁRIO APLICADO ENTRE PROFESSORES DE VIOLÃO**

QUESTIONÁRIO AO CORPO DOCENTE INTERINSTITUCIONAL REFERENTE AO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO SOBRE ENSINO COLETIVO

DISCENTE: THIAGO MOURA SANTANA

Nome:

Idade:

Formação (Curso e instituição):

Instituição em que trabalha:

Há quanto Tempo:

1. Durante a sua formação musical no instrumento o (a) Sr.(a) teve algum contato com o ensino coletivo de instrumento(ECI)? ( ) Sim ( ) Não
  - 1.1 Caso positivo, relate sua experiência .
2. Para o(a) Sr(a) o que é o ensino coletivo?
3. Você acha que a proposta de ensino coletivo de instrumento é importante? Justifique.
4. Quais os pontos positivos e negativos desse tipo de proposta?
5. Para qual (is) faixa etária(s) e nível do aluno o ECI se aplicaria melhor?
6. Qual seria o número limite de alunos por turma?
7. O (a) Sr. (a) conhece alguma método de ensino coletivo de instrumento? ( ) Sim ( ) Não
  - 7.1Caso positivo, destaque algum?
8. Como docente o(a) Sr.(a) trabalha com ECI ou já trabalhou?

9. A prática do ensino coletivo de instrumento é vivenciada no seu contexto institucional?

10. Em Natal o(a) Sr(a) conhece alguém que trabalha com a proposta ECI?